

CONEXÕES ENTRE CANTO CORAL E AULAS DE PERCEPÇÃO MUSICAL

Doraneide Tosta de Santana Limeira
UFBA / UEFS
dtlimeira@gmail.com

Resumo: Esse artigo, como parte de uma pesquisa em andamento, considera que a prática coral pode ser uma ferramenta eficaz no desenvolvimento das habilidades de percepção musical. Se assim for, essas habilidades resultariam em uma melhor qualificação na formação do licenciando em música e sua prática docente. O texto analisa as atividades de percepção desenvolvidas na prática coral, nas aulas de percepção musical, as possíveis conexões entre as duas práticas e o papel do regente como mediador dessas conexões. Além disso, discute a importância da formação de professores nos Cursos de Licenciatura em Música, dirigida a uma regência coral que contemple as demandas referidas acima. Com isso, vislumbra-se a busca de novas perspectivas no que concerne a uma intervenção pedagógica eficaz nas práticas de canto coral e de percepção musical, possibilitando ao aluno egresso do curso de licenciatura estar habilitado para esta prática.

Palavras-chave: Prática Coral, Educação Musical, Percepção Musical.

INTRODUÇÃO

Atualmente na área de Educação Musical são recorrentes os trabalhos cuja temática trata da prática coral como ferramenta de aprendizagem musical, de integração, de contribuição para as relações interpessoais e compartilhamento de sensações, das relações intersociais e da expressão vocal-corporal.

Para Dias (2009, p.05) a relevância do canto coral também se dá por ser uma prática de baixos custos para as instituições que a viabilizam. Fucci-Amato corrobora tal pensamento quando diz que o canto coral é uma:

...atividade de grande interesse educativo-musical, por sua possibilidade de utilização em diversos contextos, inclusive na educação básica, apresentando vantagens notáveis, a começar pelo baixo custo material da atividade (já que não demanda instrumentos e infraestrutura mais complexa) e pela eficácia da utilização da própria voz para se aprender música: a educação vocal pode

servir às diversas dimensões do ensino musical, desde o desenvolvimento perceptivo-musical e da conscientização acerca do entorno vocal até a possibilidades imitativas e de construção sonora criativa e lúdica. (FUCCI-AMATO, 2010, p. 40)

O desenvolvimento perceptivo-musical, foco desta pesquisa, também está associado à prática coral, quando, ao longo dos ensaios, diversos conceitos musicais são desenvolvidos e exercitados (FIGUEIREDO, 2005, p. 365). Outro aspecto da prática coral está relacionado à estratégia que os departamentos de Recursos Humanos (RH) de empresas se utilizam visando a promoção do crescimento pessoal de seus funcionários, oferecendo-lhes atividades relacionadas à saúde, ao esporte e ao lazer (TEIXEIRA, 2005, p. 58).

Vê-se na prática coral na terceira idade um elemento socializador e terapêutico onde há troca de experiências entre o coro e o regente levando-os a sentirem prazer de estarem realizando uma atividade inteligente, que os conduzem ao crescimento e a novas amizades (ALMEIDA, 2013, p. 121). Daí a afirmação de Kerr quando diz que:

É preciso recuperar a capacidade de as pessoas fazerem música, independente do fato de saberem ou não cantar. A convivência coral é sempre terapêutica e capaz de provocar a eclosão de qualidades e vibrações sonoras que definem o repertório escondido dentro de cada pessoa (KERR, p. 122).

Analisando os anos de atuação como regente na área de prática coral infanto-juvenil nos projetos de extensão da Universidade Estadual de Feira de Santana e, observando os egressos destes corais que hoje são alunos do Curso de Licenciatura em Música e/ou participam dos projetos do Curso de Extensão desta universidade, interessei-me em investigar que contribuições a participação desses alunos nos corais influenciou no seu atual desenvolvimento intersocial, relacionamento humano com o meio físico, social e cultural e nas habilidades de percepção musical demonstradas pelos mesmos.

Por serem duas vertentes distintas advindas de uma mesma prática - o canto coral – tratar-se-á neste artigo com maior ênfase a análise da literatura cuja temática seja a prática coral como ferramenta de aprendizagem e contribuição no desenvolvimento de habilidades na área de percepção musical.

Faz-se necessário uma análise das atividades pertinentes à prática coral que podem servir como ferramenta de desenvolvimento de habilidades importantes em percepção musical, compará-las com os procedimentos metodológicos praticados na disciplina de Percepção Musical e rever o papel do regente como mediador dessa conexão.

As principais questões norteadoras são: há realmente esse tipo de atividades? O regente do coral é capacitado para desenvolver o treinamento destas atividades? Os alunos egressos destes corais terão uma percepção auditiva mais aguçada no que concerne às exigências dos programas de Percepção? Sem a pretensão de esgotar esse assunto tão vasto, no momento, a tentativa de respostas para tais questões será abordada no decorrer deste trabalho.

DA PRÁTICA CORAL

No processo de ensino aprendizagem a relação de apropriação e transmissão de conhecimentos traz reflexões profundas na pedagogia musical. Freire (1983) diz que “(...) no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas”. Segundo Kraemer (1995, p.62), “No centro das reflexões musicais, estão os problemas da apropriação e transmissão da música”. Citando J. Kaiser, Kraemer diz que “Trata-se (...) dos efeitos educacionais da música, do desenvolvimento da personalidade através da relação com a música, da participação cultural e das experiências sensitivas” KAISER (1994, *apud* KRAEMER, 1995, p. 62).

São esses efeitos educacionais da música citados por Kaiser que trazem a reflexão dos valores pelos quais o aluno se apropria, ou seja, aprende e apreende, valores estes que o capacitam a transmitir. A compreensão da verdadeira apropriação desses valores ou conhecimentos tem, segundo Willems, íntima relação entre os elementos constitutivos da música (ritmo, melodia e harmonia) com as áreas fisiológica, emocional e mental do homem, a qual chamou de ‘princípios psicológicos da educação musical’ (PAREJO, 2011, p.93). Essa

relação é-nos apresentada por Sekeff (2007), também como uma das características psicológicas da música chamada *indução*.

A música (...) é indutora das atividades motora, afetiva e intelectual em razão de seus elementos constitutivos (...), de seus parâmetros formadores – duração, altura, intensidade, densidade, textura – e de seus movimentos sintáticos e relacionais, todos com poder de *co-mover* o receptor que, na escuta, acaba por responder afetiva, intelectual e corporalmente a esses elementos de “comunicação” postos em jogo por ela, música. (SEKEFF, 2007, p. 42).

Esse poder da música pode e deve ser utilizado na educação musical através do canto coral. Amato diz que “diversos trabalhos de educação musical podem ser desenvolvidos dentro de um coral, dentre os quais destacam-se as atividades de orientação vocal, ensino de leitura musical, solfejo e rítmica” (FUCCI-AMATO, 2007, p. 82). A aprendizagem musical através do canto coral desenvolve a escuta musical, a independência auditiva, a precisão rítmica, a memória, a disciplina, a concentração, o conhecimento da potencialidade da voz (técnica vocal), a expressão corporal, estimula a criatividade e a sensibilidade, entre outros, que são necessários para o desenvolvimento das habilidades de percepção musical. Citando Willems, Parejo diz que “o canto desempenha o papel mais importante na educação musical dos principiantes” e continua:

As canções constituem o que denominou de uma *atividade sintética*: agregando em torno da melodia, o ritmo e a harmonia subentendida; são, portanto, meios sensíveis e eficazes para desenvolver a musicalidade e a audição interior PAREJO (2011, *apud* MATEIRO, ILARI, 2011, p. 103).

Para além das habilidades de percepção ora citadas, “O canto coral se constitui em uma relevante manifestação educacional musical e em uma significativa ferramenta de integração social” (FUCCI-AMATO, 2007, p.77). Entende-se que a integração, o pensamento coletivo, as relações interpessoais, o compartilhamento de sensações, a expressão corporal, são observados nestes alunos oriundos das aulas de canto coral, que por sua vez, são características necessárias a uma boa prática docente.

O processo sócio educacional do canto coral, que inclui ensaios e apresentações públicas proporciona aproximação entre as pessoas, o que resulta em novas sociabilidades (DIAS, 2012, p. 133).

Nesse sentido, considera-se que o trabalho de educação musical, no projeto coral, procura valorizar o espaço para a expressão do aluno e da sua individualidade, o incentivo à imaginação e à criatividade, a atenção à emoção, à afetividade e a sociabilidade, a busca pela autonomia do conhecimento adquirido, o alcance da teoria a partir da prática, o diálogo professor/aluno em prol do conhecimento do mundo do aluno e da contribuição do professor, o conhecimento global do conteúdo trabalhado e a integração das individualidades para a construção de um todo musical artístico, educacional, sociocultural e, sobretudo, humano (DIAS; QUADROS, 2007, p. 297).

Observa-se que, mesmo quando o objetivo final da prática coral não seja musicalizar o indivíduo e sim oportunizar a integração, as relações interpessoais e a terapia grupal, contudo, a ideia de se cantar com uma boa emissão da voz, precisão rítmica e entoação agradável traz ao ensaio motivos suficientes para a prática de atividades que redundem numa melhor apresentação do grupo.

Exercícios de aquecimento vocal utilizando a escala diatônica, intervalos diatônicos e cromáticos, ouvir e identificar o movimento do som para então tentar reproduzi-lo com exatidão, requerem uma percepção auditiva mais aguçada, afinal de contas, uma entonação correta da música ensaiada é o desejo de todo o grupo vocal.

Outro aspecto é o desenvolvimento da independência auditiva, ou seja, a capacidade de cantar a sua voz e, mesmo ouvindo outras vozes ao mesmo tempo com melodias diferentes, não desafinar ou baixar a altura da tonalidade. Os sentidos de tempo, de pulsação e precisão rítmica também fazem parte da prática coral, assim como noções de fraseologia e formas musicais.

Assim como estas atividades, poder-se-ia citar muitas outras tão importantes quanto estas, desenvolvidas no processo de aprendizagem musical do canto coral.

DA PERCEPÇÃO MUSICAL

O currículo do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Feira de Santana oferece ao licenciando quatro semestres de Teoria e Percepção Musical. Durante este período o aluno passa por uma revisão teórico-musical cujo conteúdo programático, em tese, fez parte da formação básica do aluno antes de ingressar na graduação. No entanto, o foco central da disciplina se encontra na ênfase dada à percepção musical. Considerada como um dos pilares do currículo, essa disciplina tem como responsabilidade principal desenvolver o “ouvido musical”, atributo considerado imprescindível ao músico profissional (PANARO, 2010, p.360).

Diante de tal fato e considerando a importância desse atributo, é necessário, a princípio, listar as práticas que em geral acontecem no âmbito da aula de percepção musical, num Curso de Licenciatura em Música e que favorecem ao desenvolvimento do ouvido musical. Na minha experiência de anos lecionando a disciplina de Teoria e Percepção Musical no Curso Básico de Musicalização e na Licenciatura em Música da UEFS, de uma forma geral, são realizadas atividades de: audição e reprodução musical escrita (ditados rítmico e melódico); solfejo e leitura rítmica; audição, identificação e reprodução de escalas, intervalos melódicos e harmônicos (inclui-se aí a identificação de vozes numa peça polifônica); memória e independência auditiva.

Em se tratando do desenvolvimento da escuta na aula de percepção onde “escutar estaria mais ligado aos conteúdos por nós assimilados, ou seja, na relação que criamos entre som e conhecimento” (OTUTUMI, 2008, p.13), a memória tem papel fundamental quando nos reportamos a toda e qualquer vivência musical na formação básica do licenciando. Tudo que foi vivenciado pelo indivíduo na fase anterior à graduação será refletido na sua capacidade de receber e absorver os estímulos proporcionados nas aulas de percepção musical. Falar de música na educação básica, diz Sekeff (2007, p.152), remete-nos à memória e permite-nos reter e reviver modelos de comportamento. Parece que aprendizado, percepção, memorização são funções totalmente distintas, mas elas absolutamente *não o são* (SEKEFF, 2007, p.152).

(...) *memória e percepção* constituem faculdades solidárias. A diferença entre ambas é apenas de grau e período de perseveração: se a consciência das impressões colhidas pelos sentidos é imediata, temos a *percepção*. Se mediata, temos a ação da *memória*. (SEKEFF, 2007, p. 152)

Segundo Gusmão (2011, p.122) a percepção musical é uma das práticas mais amplas da formação do músico. Como habilidade cognitiva, pode ser comparada ao desenvolvimento da linguagem. Gerling completa:

A meta principal do estudo de musica é propiciar a aquisição da compreensão musical que envolve perceber, organizar e conceituar o que é ouvido, executado e escrito. Através de um paralelo com a linguagem, sabemos que podemos de alguma maneira prever o que vai ser dito dentro de um assunto da nossa competência. O mesmo princípio é operante na música quando o treinamento é apropriado. (GERLING, 1995, p. 26)

Analizando os elementos e práticas aqui citados parece positivo que professores de percepção encontrem uma turma de alunos capazes de desenvolver essas atividades sem qualquer entrave ou dificuldade. Porém é justamente nessa área que encontramos os chamados “aspectos recorrentes” em percepção musical (LIMA, 2011 p.111). Lima salienta que a resposta lenta aos exercícios de ditado, falta de domínio da escrita musical, além da diversidade de interesses musicais, perfil heterogêneo da turma e desnivelamento do conhecimento musical entre os alunos, são os principais entraves nas turmas de percepção musical dos cursos de graduação.

Panaro (2010, p.360-369) em seu artigo, faz referência às principais críticas e propostas metodológicas da disciplina Percepção Musical nos currículos de graduação em música. Esse estudo, juntamente com o levantamento dos “aspectos recorrentes” realizado por Lima (2011), é um dos fatores que respaldam o processo da dessa pesquisa que, no momento, se encontra em fase de revisão da literatura. Entende-se que seja natural e importante uma reavaliação das propostas metodológicas da referida disciplina, porém, a questão é: não seria também, tão importante quanto essa reavaliação, a realização de uma prática pedagógica mais eficiente através do canto coral nos cursos de formação básica em música? Vejamos então, qual o papel do regente como mediador dessa prática.

O PAPEL DO REGENTE

Refletindo acerca da formação do educador musical e das práticas pedagógicas, precisamos ressaltar o quanto é de fundamental importancia o papel do regente à frente de um

grupo coral. Segundo Magnani, o perfil exigido para um regente de orquestra é ser “provido de uma perfeita audição interna, conhecer a partitura, saber o que se quer extrair dela e saber como consegui-lo.” (MAGNANI, 1989, p.297). No entanto, apesar dessas qualificações serem importantes, o regente a que se refere está inserido num contexto de educação musical e para tanto, sua formação deve ser de educador musical. De outra forma, como ser mediador da conexão entre prática coral e percepção?

O regente e o professor estão envolvidos em processos educativos e musicais; unir as duas competências (regência e docência), onde ambos ensinam música de alguma forma, permite a possibilidade de discutir a regência numa perspectiva educacional (GRINGS; FIGUEIREDO, 2010, p.231). O regente de coro não deve se preocupar exclusivamente com os resultados a serem obtidos, pois estes são conseqüências naturais de um longo e dedicado processo gerados por seres (pessoas) que estão em constante transformação e desenvolvimento (d’ASSUMPÇÃO JR., 2010, p. 236). O regente, segundo d’Assumpção, surge como peça fundamental nesse processo. Ele afirma:

Portanto, o paradigma do regente de coral educador surge como um divisor de águas entre o resultado da performance almejada e o processo por ele posto em prática para se alcançar tal resultado, sendo certo que sua postura, estruturada de modo equilibrado e sensato, mesmo que possa parecer mais demorada, constitui um auspicioso mecanismo de crescimento individual e coletivo, no qual os êxitos são meras conseqüências de uma prática onde a inclusão serve de aposta para o objetivo maior de crescimento e superação. (d’ASSUMPÇÃO JR., 2010, p. 236)

Entende-se, portanto, que é preciso buscar uma formação docente mais ampla e plural nos Cursos de Licenciatura em Música. Estes têm ofertado ao discente um leque de componentes curriculares que lhe proporcionam um conhecimento mais abrangente em áreas diversas¹ fazendo com que este novo professor possa atuar com maior liberdade e multiplicidade de conhecimentos nos variados campos de ensino básico. Assim, “o futuro educador deveria estar em contato com aspectos da regência durante sua formação para que pudesse desenvolver competências adequadas para o desenvolvimento de atividades que envolvem a voz e outros conjuntos musicais na escola” (FIGUEIREDO, 2006, p.885).

¹ Dentre as quais ressaltamos canto, regência, música popular, arranjo composição e criação musical.

Diante da possibilidade de se obter essa multiplicidade de conhecimentos, faz-se necessário um cuidado especial quanto ao desenvolvimento das habilidades em percepção musical e seu desdobramento no que se refere à transmissão de conhecimento destes novos docentes. “Tendo em vista que os instrumentos neste caso são as vozes humanas, que não possuem a altura fixa do som, podemos concluir: se o regente não tiver ouvido bem treinado, o resultado sonoro será insatisfatório” (DRAHAN, 2008, p.01). E isso, mais uma vez, nos remete à melhor forma de desenvolver essas habilidades desde os primeiros contatos com a música, que em sua grande maioria tem início na prática coral. Figueiredo aponta que:

Considerando que a voz pode ser um instrumento musical extremamente versátil para a realização de diversas experiências musicais, é imprescindível que o educador musical seja introduzido no universo da regência. Este universo é bastante complexo e repleto de mitos em torno da figura do regente, mas o que se pretende na formação do licenciado em música em termos de regência é efetivamente o desenvolvimento de habilidades básicas que poderão ser ampliadas a partir do interesse pessoal dos indivíduos. (FIGUEIREDO, 2006, p.885).

Portanto, apesar da complexidade existente no universo da regência citada por Figueiredo, a experiência nesta área é considerada fundamental na formação do licenciado em música, tornando-o assim mais habilitado para a prática coral onde serão desenvolvidas as atividades de percepção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi explanado, observa-se que diversas atividades praticadas no ensaio do canto coral desenvolvem aspectos da percepção musical. Assim, como agente de desenvolvimento das áreas citadas, não seria a prática de canto coral um meio importante no desenvolvimento das habilidades de percepção musical? Quais sejam: leitura à primeira vista, solfejo, leitura rítmica, percepção auditiva através de ditados rítmicos, melódicos, de intervalos, acordes, etc. Se assim for, essas habilidades resultariam em uma melhor qualificação na formação do licenciado em música e sua prática docente.

A priori, o regente seria o protagonista principal da conexão entre as duas práticas tornando possível assim, o desenvolvimento das referidas habilidades musicais tão

importantes para o desenvolvimento global do graduado nos Cursos de Licenciatura em Música. Essa conexão torna possível a interdisciplinaridade (neste caso entre a formação musical básica e a graduação) tão buscada no processo ensino-aprendizagem. Com efeito, o licenciado em música é, por definição, e antes de tudo, um músico professor, onde ele mesmo é a síntese interdisciplinar.

Levando-se em conta essas considerações espera-se que novas ferramentas para o desenvolvimento das habilidades de percepção surjam como o resultado deste projeto de pesquisa. Uma investigação mais profunda acerca do tema proposto é fundamental para criação de novas ferramentas no processo de ensino aprendizagem do licenciando em música. Ou talvez, através de um olhar mais profundo, vislumbre-se novas perspectivas no que concerne a uma intervenção pedagógica eficaz nas práticas de canto coral e de percepção musical, possibilitando ao aluno egresso dos Cursos de Licenciatura estar habilitado para esta prática.



XII Encontro Regional Nordeste da ABEM
Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento
São Luis, 29 a 31 de outubro de 2014



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Matheus Cruz Paes de. O canto coral e a terceira idade – o ensaio como momento de grandes possibilidades. *Revista da Abem*, Londrina, v.21, n.31, 119-133, jul.dez 2013.

Disponível em:

<<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/articloe/view/77>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

d' ASSUMPTÃO JR., José Teixeira. O regente de coro: educador e artista. Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música, 01., Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO, 15., 2010, Rio de Janeiro. *Anais ...* Rio de Janeiro, 2010, p. 232-243.

Disponível em: <<http://www4.unirio.br/simpom/textos/SIMPOM-Anais-2010.pdf>>. Acesso em 14 ago. 2014.

DIAS, Leila Miralva Martins. Interações pedagógico-musicais da prática coral. *Revista da Abem*, Londrina, v.20, n.27, p. 131-140, jan.jun 2012.

_____. *Interações nos processos pedagógico-musicais da prática coral: dois estudos de caso*. Tese de Doutorado. UFRGS, Porto Alegre – RS, 2011. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29233/000776611.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

_____. O Papel Educacional da Prática Coral. In: Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 19., *Anais...* João Pessoa, 2009.

_____. Educação Musical: um estudo a partir de experiências pedagógicas na Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria. (orgs). *Memória e formação de professores* [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Available from SciELO Books. <<http://books.scielo.org>>.

_____. QUADROS, João Jr. Educação musical participativa: um relato de experiência sobre o processo de criação de um Musical partindo dos integrantes do Coral Juvenil. Encontro Anual da ABEM e Congresso Regional da International Society for Music Education na América Latina, 16., 2007, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: UFMS, 2007, p.1-6.

DRAHAN, Snizhana. A percepção da produção vocal pelo regente coral. In: Simpósio de Cognição e Artes Musicais, 4.,2008, São Paulo, *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.abecogmus.org/documents/SIMCAM4.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2014.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. A regência coral na formação do educador musical. In: Congresso da ANPPOM, 16.,2006, Brasília. *Anais ...* Brasília: Universidade de Brasília, 2006. v. CD Rom. Disponível em:



<http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/POSTERES/08_Pos_EdMus/08POS_EdMus_02-028.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2014.

_____. A prática coral na formação musical: um estudo em cursos superiores de licenciatura e bacharelado em música. . In: Congresso da ANPPOM, 15., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2005/sessao8/sergio_figueiredo.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2013

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Prefácio de Jacques Chonchol, 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FUCCI AMATO, Rita de Cassia. O canto coral como prática sociocultural e educativo-musical. *Opus*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/opus/data/issues/archive/13.1/files/OPUS_13_1_Amato.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2014.

_____. Interdisciplinaridade, música e educação musical. *Opus*, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 30-47, jun. 2010. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/opus/data/issues/archive/16.1/files/OPUS_16_1_Amato.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2014.

_____. Habilidades e competências na prática de regência coral: um estudo exploratório. *Revista da Abem*, Porto Alegre, nº 19, p. 15-26, mar. 2008. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed19/revista19_artigo2.pdf>. Acesso em: 22 jul.2014.

GERLING, Cristina Capparelli. Bases para uma metodologia de percepção musical e estruturação no 3º grau. *Revista da Abem*, n. 2, 1995, p. 21-26.

GUSMÃO, Pablo da Silva. A aprendizagem autorregulada da percepção musical no ensino superior: uma pesquisa exploratória. *Opus*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 121-140, dez. 2011.

GRINGS, Bernardo; FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. A função da regência na formação do professor de música: um estudo com os cursos de licenciatura em música na região sul do Brasil (completo). In: XIX Congresso da ABEM, 2010, Goiânia. *Anais...* Goiânia: ABEM, 2010. v. 1. p. 231-241.

KAISER, Joseph Heinrich. Stichworte “Musikerziehung/ Musikpädagogik”. In: Helms, S., Schneider, R. & Weber, R. (Hrsgg.) *Lexicon der Musikpädagogik. – Sachteil*. Kassel, 1994. p. 175-178.

KERR, Samuel. Carta canto coral. In: LAKSCHEVITZ, Eduardo, (org.). *Ensaio: Olhares sobre a música coral brasileira*. Rio de Janeiro: Centro de Estudos de Música Coral, 2ª Ed. 2006. p. 118-143.



KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. Tradução Jusamara Souza. *Revista Em Pauta*, vol. 11, nº 16/17 – abril / novembro 2000.

LIMA, Larissa Martins de. Levantamento dos aspectos recorrentes na disciplina de percepção musical no ensino superior no Brasil. *Ictus - Periódico do PPGMUS/UFBA*, Vol. 12, No 1 (2011). Disponível em: <<http://www.ictus.ufba.br/index.php/ictus/article/view/214>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

MACHADO, Renata Beck. *Narrativas de professores de teoria e percepção musical: caminhos de formação profissional*. 2012. 95f. Dissertação (Mestrado). Santa Maria, RS, 2012. Disponível em: <http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4787>. Acesso em: 28 abr. 2014.

OTUTUMI, Cristiane Hatsue Vital. *Percepção musical: situação atual da disciplina nos cursos superiores de música*. 2008. 242f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 2008. Disponível em: <[file:///C:/Users/Doraneide/Downloads/OtutumiCristianeHatsueVital%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Doraneide/Downloads/OtutumiCristianeHatsueVital%20(2).pdf)>. Acesso em: 13 ago. 2014.

PANARO, Pablo. Percepção Musical: principais críticas e propostas metodológicas. In: Simpósio Brasileiro de Pós-graduandos em Música, 01., Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO, 15., 2010, Rio de Janeiro. *Anais ... Rio de Janeiro, 2010*, p. 360 - 369. Disponível em: <<http://www.unirio.br/simpom/textos/SIMPOMAnais-2010-PabloPanaro.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

PAREJO, Enny. Um pioneiro da Educação Musical. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz, (orgs.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba, IBPEX, 2011, p. 89-123.

SEKEFF, Maria de Lourdes. *Da música, seus usos e recursos*. 2ª Ed. Ed. UNESP, São Paulo, 2007.

TEIXEIRA, Lúcia Helena Pereira. Coros de empresa: desafios do contexto para a formação e a atuação de regentes corais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 13, 57-64, set. 2005. Disponível em: <http://www.abemeducaomusical.org.br/Masters/revista13/revista13_artigo6.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2014.